

retratos mais sensíveis da juventude nos anos 1990. Mas foi também mulher, filha, amante, heroína e contraditória em dezenas de histórias que ajudaram a moldar o imaginário do público.

Após a novela *Morde e assopra* (2011), fora da Globo, ampliou sua cartografia artística. No SBT, protagonizou *Uma rosa com amor*, dando nova vida à icônica Serafina Rosa Petrone. Na Record, deu sua contribuição às produções bíblicas em *Gênesis* e *Apocalipse*. No cinema, colheu reconhecimento internacional: venceu como melhor atriz no Brazilian Film Festival of Toronto com *Subsolo* e foi premiada por *Jogo de xadrez* em festivais e pela Associação Brasileira de Cinematografia.

Maternidade e maturidade

Mas, entre um papel e outro, Carla também aprendeu a existir fora dos holofotes. Aos 40 anos, descobriu a maternidade. Leon chegou quando a carreira estava consolidada e a mulher começava a se perguntar sobre os próximos capítulos da própria vida. Hoje, aos 16, o filho é expansão de sua identidade. “Vivi a maternidade como complemento, não como finalidade”, resume a geminiana. A frase ecoa em sua trajetória: Carla nunca permitiu que um único papel — profissional ou pessoal — a definisse por inteiro.

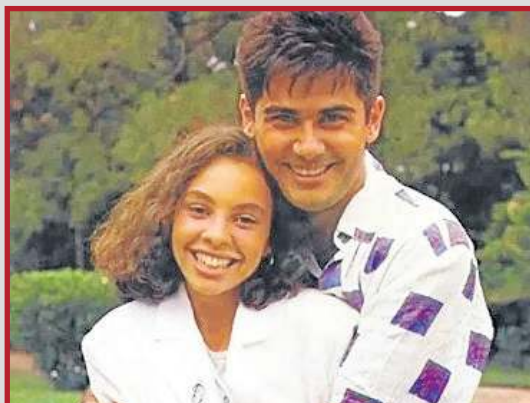
O hiato foi um intervalo silencioso, quase invisível ao grande público, mas fundamental para reorganizar desejos, afetos e prioridades. Quando o convite para *Três Graças* surgiu, pelas mãos do diretor Luiz Henrique Rios, o retorno à Globo soou menos como resgate e mais como coroação. “Esse retorno vem juntar maturidade com a energia da juventude”, diz. E não há contradição nisso. Carla retorna mais consciente do próprio tempo, menos refém da urgência, mais aliada da escuta.

Na novela assinada por Aguinaldo Silva, Virgílio Silva e Zé Dassilva, ela vive Xênica — mulher madura, ativa, independente, dona da própria narrativa. Uma personagem que, em muitos aspectos, espelha sua intérprete. Profissionalmente realizada, emocionalmente complexa, mãe sem abrir mão da própria existência. “É um privilégio refletir nela minha experiência de vida. Ela viveu a maternidade como um complemento na vida, e não como uma finalidade única na vida de uma mulher”, afirma a intérprete.

Pela primeira vez na carreira, Carla encarna a mãe de um homem adulto, médico formado. Ao lado de Túlio Starling, que vive o herdeiro, Zé Maria, — “um ator com muita inteligência cênica e disponibilidade para troca” — construiu essa relação com cuidado quase artesanal. Improvisos, encontros, conversas, silêncios compartilhados. O resultado é uma cumplicidade visível na tela — feita menos de gestos óbvios e mais de pequenas delicadezas.



Com Tulio Starling: mãe madura em *Três Graças*



Com Cesar Filho: estreia em *Hipertensão*



Joyce e Caio (Angelo Paes Leme): um casal complexo em *História de amor*

A trama, porém, não poupa Xênica. A prisão injusta do filho inaugura um arco dramático intenso, em que a personagem abandona a neutralidade e mergulha na luta. Movida pelo amor e pela indignação, ela enfrenta o poderoso Ferreti, vivido por Murilo Benício — seu patrão na trama. “É uma virada desse momento de posicionamento contrário ao esquema fraudulento de Ferreti. Ela sairá em defesa do filho e, movida pelo ódio, fará alianças e não descansará até desmascarar o vilão”, adianta. É, talvez, uma das faces mais contundentes da atriz: a mulher que não aceita o destino imposto.

Nem mesmo um romance surge como refúgio. Quando se envolve com o segurança Macedo (Rodrigo García), braço-direito do vilão, a relação nasce atravessada por estratégia e ambiguidade. Amor, aqui, é também ferramenta, risco e negociação.

Generosidade

Paralelamente ao presente, o passado volta a se projetar. *Hipertensão*, seu primeiro trabalho, ganha a primeira reprise no Globoplay Novelas. A jovem Carla retorna à tela, como um espelho de quatro décadas atrás. Ao se rever, ela sorri com delicadeza. Reconhece a inexperiência, os excessos, a busca por aprovação. Mas também enxerga algo essencial: a seriedade precoce, o compromisso, a entrega. “Aprendi a ser mais generosa comigo mesma”, diz. Uma conquista que talvez leve uma vida inteira.

Essa generosidade se estende à forma como enxerga a própria idade. Carla Marins fala sobre os 50 como quem descreve um território fértil. Um lugar de perguntas, revisões e recomeços. “Não é um fim, é um reinício”, afirma. Trabalha corpo e mente, cultiva presença, rejeita a ideia de apagamento. Para ela, maturidade não é sinônimo de recuo, mas uma expansão em outra frequência.